

ALGUNS DADOS BIONÔMICOS SÔBRE *DASYPTERUS*
EGA ARGENTINUS THOMAS, 1901 (Mammalia,
Chiroptera, Vespertilionidae)¹

ADRIANO L. PERACCHI e SILA TENÓRIO DE ALBUQUERQUE

Instituto de Biologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

(Com duas figuras no texto)

O gênero *Dasypterus* Peters, 1871, no conceito atual, compreende 3 espécies distribuídas pelo Nôvo Mundo: *D. ega* (Gervais, 1855), de ampla distribuição no Continente Americano, *D. egregius* (Peters, 1871) do Brasil e *D. intermedius* (Allen, 1862) dos Estados Unidos da América, México, Honduras e Cuba.

VIEIRA (1942, 1955) assinala para o Brasil *D. ega*, *D. egregius* e *D. intermedius*. Contudo, CABRERA (1958) não só por razões zoogeográficas mas, também, baseado na descrição e na figura do crânio apresentada por VIEIRA (1942) exclui *D. intermedius* da fauna brasileira, considerando os exemplares examinados por aquêle autor como pertencentes à *D. ega argentinus* Thomas, 1901. O mesmo equívoco foi cometido por LIMA (1926) e RUSCHI (1951) ao assinalarem a ocorrência de *D. intermedius* nos Estados de São Paulo e Espírito Santo, respectivamente.

Tem sido bastante discutida a posição genérica das espécies em questão. PETERS (1871) considerou *Dasypterus* como um sub-

gênero de *Atalapha* Rafinesque, 1814, devendo-se a ALLEN (1894) a elevação do nome proposto à categoria genérica. SIMPSON (1945) considera *Dasypterus* como um subgênero de *Lasiurus* Gray, 1831 enquanto CABRERA (*loc. cit.*) volta a separar os 2 gêneros, tendo em vista que os demais autores continuam a considerá-los como válidos. HANDLEY (1959, 1960) defende a reunião dos 2 gêneros, baseado em vários caracteres comuns, tais como: presença de 4 mamas, 2 a 3 filhotes por parição, efeito espiralado no arranjo das escamas dos pêlos, redução do tecido glandular sebáceo, localização da glândula submaxilar na área facial, coloração brilhante, báculo curta em forma de "J", pênis espinhoso e alargado distalmente membrana interfemoral revestida de pêlos. A mesma opinião é adotada por HALL & JONES (1961). Contudo, GOODWIN & GREENHALL (1961), na excelente contribuição sôbre os quirópteros de Trinidad e Tobago, são de opinião que apesar dos caracteres comuns apresentados por HANDLEY (*loc. cit.*), os 2 gêneros são tão distintos na aparência geral que merecem continuar separados. HUSSON (1962) também prefere considerar os 2 gêneros distintos.

¹ Recebido para publicação a 15 de julho de 1971.

Trabalho elaborado nos laboratórios do Setor de Zoologia do Instituto de Biologia da U.F.R.R.J., sob os auspícios do Conselho Nacional de Pesquisas e apresentado no IV Congresso Brasileiro de Zoologia (Curitiba, Paraná, setembro de 1970).

De nossa parte aceitamos a validade dos 2 gêneros, tendo em vista que *Dasypterus* pode separar-se de *Lasiurus* por apresentar membrana interfemoral menos pilosa, rostro mais longo, processo coronóide alto, crista sagital pronunciada e ausência do primeiro premolar superior.

Assim, no Brasil, o gênero *Dasypterus* está representado por duas espécies: *D. ega* de ampla distribuição e *D. egregius* conhecida somente pelo exemplar típico, colecionado em Santa Catarina.

Com relação à *D. ega*, reconhecem-se, atualmente, 5 subespécies:

D. ega ega (Gervais, 1855) — do Brasil setentrional e central, desde a bacia Amazônica até Mato Grosso e partes vizinhas do Peru e Bolívia. Localidade típica: Ega (= Tefé), Estado do Amazonas, Brasil.

D. ega argentinus Thomas, 1901 — do Uruguai, Paraguai, nordeste da Argentina, sul da Bolívia e sul, leste e nordeste do Brasil, tendo em vista a distribuição do material examinado por HANDLEY (1960). Esse autor ao considerar *Lasiurus caudatus* Tomes, 1857, descrito de Pernambuco, como sinônimo dessa subespécie, ampliou consideravelmente a distribuição da mesma no território brasileiro, que até então, segundo CABRERA (*loc. cit.*), estava restrita à região oriental. Localidade típica: Goya, Corrientes, Argentina.

D. ega fuscatus Thomas, 1901 — da Colômbia e Equador. HANDLEY (*loc. cit.*) considera *D. ega punensis* Allen, 1914 descrita da Ilha Puna, Equador, como sinônimo desta subespécie. Localidade típica: Rio Cauquete, Rio Cauca, Colômbia.

D. ega panamensis Thomas, 1901 — da Venezuela até a América Central, onde alcança o Panamá, de acordo com as ponderações de HALL & JONES (*loc. cit.*). Localidade típica: Bugaba, Chiriqui, Panamá.

D. ega xanthinus Thomas, 1897 — desde a Costa Rica até os Estados Unidos da Amé-

rica, onde alcança o sul da Califórnia e do Arizona, segundo HALL & JONES (*loc. cit.*). Localidade típica: Sierra Laguna, Baixa Califórnia, México.

Apesar da extensa distribuição de algumas formas, escassas são as informações à respeito dos hábitos desses interessantes quirópteros. ACOSTA Y LARA (1950) ao tratar de *D. ega argentinus* esclarece que um exemplar foi capturado ao ser cortada uma velha palmeira em Montevideo e que, dirigindo as suas buscas nessas plantas, mais 10 exemplares foram colecionados. GOODWIN & GREENHALL (*loc. cit.*) informam que *D. ega panamensis* provavelmente apresenta os mesmos hábitos de *Lasiurus borealis*, que vive refugiado entre as folhas de árvores. ACOSTA Y LARA & MUÑOZ (1962) opinam que seria interessante relacionar a distribuição geográfica de *D. ega argentinus* com certas espécies de palmeiras, que parecem constituir seu refúgio habitual, senão exclusivo. BROSSET (1966), ao tratar resumidamente da biologia das espécies de *Lasiurus* (incluindo *Dasypterus*), afirma que são morcegos raramente encontrados no interior de cavernas e que utilizam como refúgio as folhagens das árvores.

Procurando acrescentar mais dados sobre o assunto, apresentamos neste trabalho algumas observações sobre *D. ega argentinus*.

Agradecimentos — Agradecemos aos Drs. Arnaldo Campos dos Santos Coelho, do Museu Nacional e José Jurberg, do Instituto Oswaldo Cruz, pelas facilidades na obtenção da bibliografia; ao Dr. Eugenio Izecksohn, do Instituto de Biologia da U.F.R.R.J., pelas críticas e sugestões ao manuscrito; e ao Conselho Nacional de Pesquisas pelo auxílio concedido.

MATERIAL E MÉTODOS

As nossas observações foram realizadas na região da Universidade Rural, situada no Km 47 da antiga rodovia Rio-São Paulo, município de Itaguaí, Estado do Rio

de Janeiro. A área em questão tem altitude média de 33 m e é parte integrante da Baixada do Rio Guandu, estando situada a 22° 46' latitude Sul e 43° 41' longitude W Gr. O clima dessa região, de acôrdo com a classificação de Serebrenick, é tropical úmido, pois a temperatura média anual está acima de 22° C e a do mês mais frio é superior à 18° C, com precipitação anual compreendida entre 1.300 e 1.900 mm.

Informações detalhadas sôbre a vegetação da área em aprêço são fornecidas por GUIMARÃES (1951).

Os exemplares colecionados durante as nossas observações foram caputrados com a mão enluvada ou por meio de pinças e depois de sacrificados foram pesados em balança do tipo "pesa cartas", com aproximação de 1 grama, sendo posteriormente incorporados à coleção do primeiro autor.

OBSERVAÇÕES

Desde que iniciamos os nossos estudos sôbre os quirópteros, vimos realizando coletas sistemáticas, mórmente na área da Universidade Rural. Nessas coletas temos utilizado, na maioria das vêzes, as chamadas "rêdes japonesas" ou "mist nets" e apesar de têmos reunido grande número de exemplares, não conseguimos capturar com êsse equipamento, nenhum indivíduo da espécie em questão. Aliás, raramente logramos capturar com essas rêdes, representantes das famílias Vespertilionidae e Molossidae, o que faz supor que as espécies insetívoras detectam e evitam tais rêdes com mais facilidade que aquelas de outros hábitos alimentares.

Até julho de 1968 dispunhamos na coleção de 4 exemplares, recebidos já fixados e sem maiores informações sôbre a captura. No dia 30 de julho de 1968, descobrimos 3 exemplares refugiados na palhada formada pelas fôlhas sêcas de uma "palmeira do passeio", *Livistona oliviformis* Mart., existente

no parque local. A partir dessa data logramos capturar mais 27 indivíduos, todos encontrados em algumas dessas palmeiras existentes na região.

Tendo em vista que encontramos a espécie em questão, abrigada nas fôlhas de "palmeiras do passeio", praticamente em todos os meses do ano, exceto em fevereiro e novembro, supomos que exemplares de *D. ega argentinus*, nessa região, utilizam



Fig. 1 — Palhada formada pelas fôlhas sêcas de *Livistona oliviformis* Mart., refúgio utilizado por *D. ega argentinus* na área da Universidade Rural, Itaguaí, RJ.

como refúgio, durante todo o ano, as palhadas de *Livistona oliviformis* Mart. Todavia, como essa monocotiledonea é de origem javanesa, tendo sido introduzida no Brasil para fins de ajardinamento, as palhadas de palmeiras autóctones com fôlhas flabeliformes devem ser o abrigo natural dêsse quiróptero.

Os exemplares que capturamos foram encontrados isoladamente ou em pequenos grupos de até 4 indivíduos e nesse caso dificilmente formavam grupo compacto, o que sugere um caráter pouco sociável da espécie. Todos os grupos que localizamos eram constituídos de indivíduos do mesmo sexo, parecendo haver segregação sexual. Graças

Quando tocados, entretanto, tentam escapar, o que podem fazer com vôo ligeiro.

Entre o material colecionado dispomos de 1 macho escrotado e de 1 fêmea grávida, capturados em 9 e 14 de outubro de 1968, respectivamente, e de uma fêmea com 2 filhotes de aproximadamente 15 dias, obtida em 14 de novembro de 1962. Tendo em vista



Fig. 2 — Dois exemplares de *D. ega argentinus* refugiados no interior da palhada de *Livistona oliviformis* Mart.

à coloração amarelada, êsses morcegos mimetizam perfeitamente as fôlhas sêcas de *Livistona oliviformis* Mart., tornando-se necessário realizar um exame minucioso nas palhadas para que se possa encontrá-los. De dia mantêm-se em profundo repouso e podem ser capturados com relativa facilidade.

que os demais exemplares, capturados durante praticamente todo o ano não se apresentavam em fase de reprodução, podemos supor que *D. ega argentinus* se reproduza somente uma vez por ano, no período de outubro-novembro. Fato semelhante foi verificado por PERACCHI (1968) com relação

à *Histiotus velatus* (Geoffroy, 1824), outro vespertilionídeo que ocorre na região e que se reproduz uma vez por ano, em meados de setembro.

Com base nos exemplares colecionados, todos adultos, pudemos verificar variação de peso nessa forma, sendo que nos machos a média é de 13,20 g, com uma amplitude de variação de 10 a 15 g e nas fêmeas a média atinge 15,70 g, com uma variação de 11 a 21 g.

SUMMARY

In the following notes the authors give some informations about the habits of the yellow bat *Dasypterus ega argentinus* Thomas, 1901.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA Y LARA, E. F., 1950, Quirópteros del Uruguay. *Comun. zool. Mus. Montevideo*, 3 (58): 1-73.
- ACOSTA Y LARA, E. F. & MUÑOZ, J. J., 1962, Quirópteros del Uruguay. Revision de nomenclatura. *Comun. zool. Mus. Montevideo*, 7 (96): 1-15.
- ALLEN, H., 1894, A monograph of the bats of North America. *Bull. U. S. Nat. Mus.*, 43: IX + 198 pp., 38 pls.
- BROSSET, A., 1966, *La biologie des Chiroptères*. VIII + 240 pp., 77 figs., Masson, Paris.
- CARRERA, A., 1958, Catálogo de los mamíferos de America del Sur. *Rev. Mus. Argent. Cienc. nat., Cienc. zool.*, 4 (1): XVI + 307 pp.
- GOODWIN, G. G. & GREENHALL, A. M., 1961, A review of the bats of Trinidad and Tobago. Descriptions, rabies infection and ecology. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 122 (3): 187-302, 113 figs., 39 pls.
- GUIMARÃES, J. L., 1951, Aspectos geo-botânicos ecológicos do Km 47 da rodovia Rio-São Paulo. *Arq. Serv. Flor.*, 5: 34-70, 21 figs.
- HALL, E. R. & JONES, JR., J. K., 1961, North American yellow bats, "*Dasypterus*", and a list of the named kinds of the genus *Lasiurus* Gray. *Publ. Mus. Nat. Hist. Univ. Kansas*, 14 (5): 73-98, 4 figs.
- HANDLEY, JR., C. O., 1959, A revision of american bats of the genera *Euderma* and *Plecotus*. *Proc. U. S. Nat. Mus.*, 110 (3417): 95-246, 27 figs.
- HANDLEY, JR., C. O., 1960, Descriptions of new bats from Panama. *Proc. U. S. Nat. Mus.*, 112 (3442): 459-479.
- HUSSON, A. M., 1962, The bats of Suriname. *Zool. Verh., Leiden*, 58: 1-282, 39 figs., 30 pls.
- LIMA, J. L., 1926, Os quirópteros da coleção do Museu Paulista. *Rev. Mus. Paul.*, 14: 43-127.
- PERACCHI, A. L., 1968, Sobre os hábitos de *Histiotus velatus* (Geoffroy, 1824) (*Chiroptera, Vespertilionidae*). *Rev. Brasil. Biol.*, 28 (4): 469-473.
- PETERS, W., 1871, Eine monographische Übersicht der Chiropterengattungen *Nycteris* und *Atalapha*. *Mber. Kon. Akad. Wiss., Berlin* 1870, pp: 900-914, 1 pl.
- RUSCHI, A., 1951, Morcegos do Estado do Espírito Santo. Família *Vespertilionidae*. Descrição das espécies: *Lasiurus borealis mexicanus* e *Dasypterus intermedius*, com algumas observações biológicas a respeito. *Bol. Mus. Biol. Mello Leitão*, 5: 1-15.
- SIMPSON, G. P., 1945, The principles of classification of mammals. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 85: XVI + 350 pp.
- VIEIRA, C. O. DA CUNHA, 1942, Ensaio monográfico sobre os quirópteros do Brasil. *Arq. Zool. S. Paulo*, 3 (8): 219-471, 42 figs., 4 pls.
- VIEIRA, C. O. DA CUNHA, 1955, Lista remissiva dos mamíferos do Brasil. *Arq. Zool. S. Paulo*, 8 (11): 341-474.